

**UMA ABORDAGEM FUNCIONAL
DA REPETIÇÃO NA ORALIDADE EM TRÊS ASPECTOS:
DESDOBRAMENTO, TEMPORALIZAÇÃO E REPARAÇÃO**

Lorena Oliveira dos Santos (UESB)

loreoliveira@hotmail.com

Valéria Viana Sousa (UFPB/UESB)

valeriavianasousa@gmail.com

Jorge Augusto Alves da Silva (UFBA/UESB)

adavgvstvm@gmail.com

RESUMO

Neste artigo, estudaremos um fenômeno linguístico, frequentemente, utilizado na oralidade, a repetição. Para tal estudo, basear-nos-emos, principalmente, nos estudos Funcionalistas propostos por Castilho (1994), Gívon (1995) e Oliveira (1998), com o objetivo de caracterizar as estruturas repetidas, identificando-as quanto à forma e quanto à função e demonstrando como elas são regidas pelos princípios de iconicidade e de marcação expressiva. Para tanto, retiraremos, do *Corpus Português Culto* de Vitória da Conquista, ocorrências de elementos lexicais, sintagmáticos e oracionais e os classificaremos segundo os seguintes aspectos funcionais: o desdobramento, a temporalização e a reparação.

Palavras-chave: Funcionalismo. Oralidade. Repetição.

1. Introdução

Concebemos o mundo através da língua que falamos. Segundo Azeredo (2015), por meio da nossa língua materna, adaptamo-nos a julgar com naturalidade a maneira pela qual explicitamos nossas percepções e ideias. Tal pressuposto nos leva à noção de isomorfia: “a ideia corrente é que o mundo é tal como o retrato que nossa língua faz dele”. (AZEREDO, 2015, p. 154)

Nesse sentido, baseando-nos, principalmente, nos Estudos Funcionalistas, com foco nos aspectos funcionais do experiencialismo, estudaremos a repetição na oralidade, pois, segundo Oliveira (1998), tal princípio teórico adota e ratifica a natureza cognitiva das estruturas gramaticais, especialmente, da repetição.

Diante das situações de maior monitoramento, o falante procura evitar a repetição, tendo em vista que, ao seu uso, ainda é associado, na sociedade, muitas vezes, um valor negativo, já que, tradicionalmente, es-

se fenômeno é avaliado, em um texto, como algo redundante, pouco estruturado e desnecessário. Em nossa pesquisa, contrariando o senso comum, consideramos a repetição como um recurso positivo, especialmente, na construção do texto falado, uma vez que o falante utiliza tal recurso objetivando um maior entendimento e, sobretudo, uma maior conexão do discurso.

Deste modo, partindo dessas observações e recordando Marchuschi (2006), argumentamos, no presente trabalho, que na repetição, o informante exerce diversas funções na fala as quais auxiliam na “organização discursiva e na monitoração da coerência textual; [favorecem] a coesão e a geração de sequências mais compreensíveis; [dão] continuidade à organização tópica e [contribuem] nas atividades interativas”. (MARCHUSCHI, 2006, p. 219)

Assim, versaremos, na presente pesquisa, sobre três aspectos funcionais da repetição na oralidade: desdobramento, temporalização e reparação. Para tal estudo, propomos a discussão sobre i) a forma como os falantes do Português Culto de Vitória da Conquista (*Corpus PCVC*) utilizam o recurso da repetição em suas falas; ii) a importância desse uso na interação verbal; e, ainda, iii) os aspectos funcionais através dos quais são organizadas cognitivamente, por meio do fenômeno da repetição, as estruturas gramaticais produzidas pelos falantes do *Corpus PCVC*.

Supondo que as repetições sejam “peças-chave” necessárias ao processamento textual-discursivo e à comunicação entre os interlocutores, hipotetizamos, *a priori* que: i) o recurso é altamente produtivo na oralidade; ii) a interação dos interlocutores na fala é facilitada por esse mecanismo; e, por fim, iii) o sistema de repetição é motivado cognitivamente, refletindo o modo como o indivíduo interpreta a realidade que está a sua volta.

Portanto, primeiramente, abordaremos, em linhas gerais, sobre o funcionalismo e como tal teoria nos auxilia no estudo da repetição na oralidade; depois, apresentaremos como o *corpus* analisado foi construído; após essa seção, na análise e discussão dos dados, estabeleceremos a relação dos dados com a teoria adotada; e, para finalizar, faremos nossas considerações finais.

2. *Pressupostos funcionalistas*

O funcionalismo é visto como um movimento derivado do Estruturalismo que teve origem no Círculo Linguístico de Praga, em 1926, tendo como principais precursores Jakobson, Trubetzkoy, Martinet e Mathesius. Tal movimento é caracterizado pelo fundamento de que a estrutura fonológica, gramatical e semântica das línguas é definida pelas funções que exercem nas situações comunicativas, isto é, o princípio de iconicidade⁵⁴.

A língua, no polo funcionalista, é caracterizada como um instrumento de comunicação, tendo em vista a maleabilidade da estrutura, que está sujeita a pressões advindas de diferentes situações pragmático-discursivas, que ajudam a compor a estrutura gramatical. Nesse sentido, o discurso gera o sistema linguístico e, este, por sua vez, é maleável e está em constante transformação.

Ao contextualizar as ocorrências gramaticais que foram geradas no discurso, “a gramática funcional toma como ponto de partida as significações das expressões linguísticas, indagando como elas se codificam gramaticalmente” (CASTILHO, 1994, p. 76). Portanto, no funcionalismo, a língua é analisada do ponto de vista social, isto é, dando relevância ao contexto social, pois defende-se que o falante emprega a língua, adequadamente, nas diversas situações comunicativas. Nessa linha, segundo Lima-Hernandes (2011), as motivações são geradas, inteiramente, pelos grupos sociais e pela sociedade e, além disso, são, parcialmente, impostas pela evolução do indivíduo e, parcialmente, ordenadas pelas forças intrínsecas às línguas.

Além disso, ao estudar a língua, os funcionalistas orientam-se por meio da noção pancrônica de mudança, pois são observadas as relações cognitivas e comunicativas que se desenvolvem no indivíduo em um determinado contexto e que se manifestam de maneira universal, “já que refletem os poderes e as limitações da mente humana para armazenar e transmitir informações”. (AREAS; MARTELOTTA, 2003, p. 28)

Conforme Neves (2012), quando pensamos na descrição e na funcionalidade da língua em uso, implica que elas desempenham, na organi-

⁵⁴ De acordo com Tavares (2003), a noção de iconicidade pode ser localizada já nos escritos de Aristóteles, porém, o filósofo grego considera que a linguagem traduz o pensamento e este, por sua vez, traduz a realidade.

zação dos meios linguísticos que manifestam, as funções a que serve a linguagem. Nesse contexto, ainda segundo Neves (2012), são pressupostos primordiais para uma abordagem funcional da língua:

1) A linguagem não é um fenômeno isolado, mas, pelo contrário, serve a uma variedade de propósitos (PRIDEAUX, 1987), e, portanto, tem motivações: há uma competição de forças (externas e internas à língua), que, vindas de diferentes direções e possuindo natureza diferente, buscam equilibrar a forma da gramática.

2) A língua (e sua gramática) não pode ser descrita nem explicitada como um sistema autônomo (GIVÓN, 1995), imune a uma relação com fatores externos de ativação: embora o sistema linguístico exiba um grau de arbitrariedade, ele se ativa motivado por fatores externos (e de mais de um tipo).

3) As formas e os processos da língua (a gramática) são meios para um fim, não um fim em si mesmos (HALLIDAY, 1994): na atividade bem-sucedida, os fins são os correlatos das motivações. (NEVES, 2012, p. 51)

Partindo desses princípios e retomando a noção de isomorfia da língua, reforçamos a noção de iconicidade apresentada inicialmente, pois a língua e a sua gramática, apesar de ter um grau de arbitrariedade, é motivada por fatores internos e externos. Nas palavras de Tavares (2003), a iconicidade

não implica, porém, a existência de correspondências biunívocas e não arbitrárias [...]. Formas e funções estão sempre em mobilidade, havendo geralmente mais de uma forma para cada função e mais de uma função para cada forma. A iconicidade que caracteriza a língua reside no fato de que as formas são usadas sob influência de um conjunto de motivações funcionais. (TAVARES, 2003, p. 57)

Outro preceito da teoria funcionalista é o de marcação. As expressões “marcado” e “não marcado” foram originadas pela Escola de Praga. De acordo com Cunha (2015), geralmente, o principal objetivo desse preceito é o contraste entre dois elementos de uma determinada categoria linguística que pode ser fonológica, morfológica ou sintática. O elemento marcado é o que possui uma característica ausente em relação ao elemento considerado não marcado. As formas não marcadas têm algumas características, tais como: (i) maior frequência de ocorrência; (ii) contexto de ocorrência diversificado; (iii) forma simples e (iv) aquisição prematura pelas crianças. Quanto à forma marcada, o falante a utiliza em busca de uma maior expressividade, já que seu uso é menos corriqueiro na língua.

Em suma, recorrendo a Lima-Hernandes (2011), podemos afirmar que a análise do sistema linguístico, no funcionalismo, parte do falante,

considerando não só o usuário da língua, mas, também, toda a situação comunicativa, tendo em vista que “a motivação e os objetivos para a interação verbal são questões centrais” (LIMA-HERNANDES, 2011, p. 21), isto é, para os funcionalistas, a sintaxe e a semântica devem ser estudadas através da pragmática, analisando a descrição de expressões, dentro das condições de uso, que revelam a competência comunicativa do indivíduo, para, então, entender o funcionamento da estrutura gramatical.

2.1. A repetição na oralidade nos caminhos funcionalistas

A repetição é um recurso bastante produtivo na oralidade que auxilia, principalmente, no encadeamento do discurso. Neste tópico, faremos uma abordagem funcional da repetição, partindo de uma base cognitiva que retoma o experiencialismo e é regida pelos princípios da iconicidade e da marcação expressiva.

Para Castilho (2014), o princípio de ativação (discursivização) gera unidades discursivas e parágrafos que nos proporcionam a disposição hierárquica dos tópicos, facilitando, assim, a sua conexão. Nesse sentido, a repetição é um elemento constituinte do princípio de reativação (rediscursivização), visto que ela propicia a coesão do texto.

De acordo com Gívon (1983, *apud* SILVA, 2008), a repetição é uma estratégia que faz parte do princípio de continuidade tópica/referencial, isto é, a forma de expressão de um determinado referente no discurso está associada ao maior ou menor grau de predizibilidade desse referente naquela posição do discurso, sendo que essa expressividade pode ocorrer entre nomes, modificadores ou não, através de pronomes, fortes ou fracos, e, também, por anáfora zero. Em um estudo mais recente, Oliveira (1998), define a repetição como a “correferência, exata ou reparada, de um termo lexical no fluxo textual, termo este tomado isoladamente ou na composição de sintagmas nominais e verbais”. (OLIVEIRA, 1996, p. 147)

Ainda de acordo com Oliveira (1996), a repetição é um método de produção e de amplificação semântica e sintática e, além disso, um processo gramatical regular. Nessa perspectiva, considerando que cada forma da língua é detentora de um significado e que múltiplos significados se manifestam por formatação diversificada, a repetição exerce um papel multidirecional: “é anáfora formal, enquanto recuperação de termo(s) já ocorrido(s), e catáfora conceptual, pela nova função elaborada”. (OLI-

VEIRA, 1996, p. 150)

Então, pela diversidade de características da repetição e pela importância que esse recurso tem na oralidade, neste trabalho, consideramos que as repetições podem manifestar-se de diversas formas e que são multifuncionais

2.1.1. Realismo experiencialista

Partindo da orientação teórica de que o sistema de repetição compõe o processo de organização da experiência humana, desenvolvendo, cognitivamente, um diálogo temático, explicaremos o aspecto funcional da repetição fundamentado em um princípio cognitivo. De acordo com Votre (1994), na língua, considerando o seu caráter mental e conceptual, é expressada, também, materialmente uma semelhança com a maneira como o ser humano abstrai a realidade que está a sua volta. A experiência integra os processos de regularização lógica e pode se materializar operando na estruturação das diversas camadas discursivas. Em suma:

A opção pelo tratamento funcional de base cognitiva parte do entendimento da *gramática* como unidade complexa e multifuncional, estruturada componencialmente por procedimentos, de certa forma, estáveis. Os mecanismos de repetição, enquanto integrantes dessa entidade linguística, consideram-se, assim, constituintes regulares do diálogo temático, estruturas funcionais de representação, motivadas cognitivamente. A experiência funda e a interação organiza, numa relação em que o papel funcional orienta a forma representacional. (OLIVEIRA, 1998, p. 37)

Desta maneira, com o modelo cognitivo que adotamos, temos o objetivo de encontrar, nas expressões da língua, a influência de fatores externos, pois a interpretação do discurso está associada diretamente com o modo de interpretação de mundo do indivíduo, visto que, como dissemos anteriormente, nas palavras de Lima-Hernandes (2011), o estudo do sistema linguístico, na gramática funcional, parte do falante, dando relevância não só ao fato de ele ser usuário da língua, como, também, ao contexto e à motivação que conduzem, cognitivamente, a sua interação verbal naquele determinado momento, com aquele determinando interlocutor.

2.1.2. Princípios funcionalistas que regem a repetição: iconicidade e marcação expressiva

No tratamento funcional da repetição no modelo conversacional, consideramos dois princípios que são de grande valia dada sua produtividade: a iconicidade e a expressividade.

A iconicidade, conforme abordamos na seção anterior, corresponde “à relação motivada de *um-para-um* entre o conteúdo e sua representação” (OLIVEIRA, 1998, p. 40). O princípio de iconicidade, ainda, pode ser estudado segundo três subprincípios, a saber: o da quantidade (os subtópicos mais expressivos são marcados por um grande número de unidades discursivas, geralmente, de forma parafrástica); proximidade (as unidades discursivas que partilham de assuntos semelhantes, tendem a ficar mais próximas na sequência conversacional); e o da ordenação linear dos segmentos (gradação de sentido produzida pelo fluxo de unidades discursivas, constituídas de subtópicos conversacionais).

A respeito do outro preceito funcionalista, a expressividade, Dubois e Votre (1994) apresentam o princípio da marcação expressiva em função do princípio de marcação, “na tentativa de explicitação da multidirecionalidade da relação entre forma e função discursiva” (OLIVEIRA, 1998, p. 42). Portanto, pelo fato de a marcação por si mesma não conseguir explicar as várias estratégias encontradas na modalidade da fala em sua expressão, ocorre a relação *marcação-expressividade*, pois, alguns processos são justificados pelo princípio de marcação, já outros são justificados pelo de expressividade.

2.1.3. Alguns aspectos funcionais da repetição: desdobramento, temporalização e reparação

A categorização apresentada por Oliveira (1998) propõe dividir a repetição, que ocorre na modalidade oral, em funções mediais de microestruturação, referentes à estruturação interna de unidades discursivas⁵⁵ e em funções mediais de interestruturação, referentes à organização de unidades discursivas entre si. A microestruturação divide-se em dez modalidades funcionais articuladoras internas de unidade discursiva (microestruturação), que são: paralelização; reforço; contraste; desdobramento;

⁵⁵ Segundo Oliveira (1998), a unidade discursiva é composta por dois elementos mínimos: orações, com verbo expresso, e/ou frases, com verbo elidido.

temporalização; reparação; enumeração; reordenação; tematização e confirmação. Por outro lado, a interestruturação categoriza-se em oito processos funcionais na articulação de unidades discursivas entre si, que são: amplificação; endosso; focalização; distinção; atualização; balizamentos; difusão e reintrodução.

Entretanto, abordaremos acerca de três desses aspectos funcionais da microestruturação, postulados por Oliveira (1998): o desdobramento, a temporalização e a reparação.

O *desdobramento* é um aspecto funcional que promove uma expansão semântica em uma autorrepetição (produzida por um só locutor) e sem variação. A *temporalização* é constituída por uma variação formal de verbos, pois o falante escolhe o tempo-modo para uma maior expressividade. Por fim, a *reparação* consiste na retomada que tem como objetivo a retificação de um termo, um sintagma nominal ou verbal.

Nos próximos tópicos, apresentaremos as ocorrências utilizadas do *Corpus* PCVC e, seguidamente, demonstraremos a análise dos dados.

3. *O corpus analisado*

O *Corpus* Português Culto de Vitória da Conquista, constituído pelos Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo – CNPq, está pautado na escolha daquela parcela da população em que tem, no mínimo, onze (11) anos de escolaridade. A metodologia utilizada para a obtenção do *Corpus* foi orientada por trabalhos sociolinguísticos que se fundamentam na perspectiva variacionista laboviana e a técnica de amostra confeccionada para as entrevistas foi realizada a partir da divisão da BR116, característica peculiar e relevante na cidade. Além disso, como requisito, para composição do *Corpus*, todos os informantes devem ser naturais do município. Assim, doze (12) informantes de cada *Corpus* foram selecionados no lado oeste e doze (12) do lado leste da cidade de Vitória da Conquista. No entanto, para este trabalho, fizemos um recorte e escolhemos, para compor a nossa amostra de análise, seis (06) entrevistas, estratificadas em sexo (masculino e feminino) e em faixas etárias I (15 a 25 anos), II (26 a 50 anos) e III (acima de 50 anos). Contudo, essas estratificações não foram relacionadas às ocorrências no recorte da pesquisa, foram realizadas apenas como uma representação do *Corpus* PCVC.

Portanto, pautados nos princípios de iconicidade e de expressivi-

dade do Funcionalismo, propostos por Gívon (1995) e Oliveira (1998), investigamos ocorrências que apresentam o fenômeno da repetição no *Corpus PCVC*, identificando-as quanto à forma e quanto à função. Para tal identificação, como dissemos anteriormente, fizemos um recorte e selecionamos três aspectos funcionais da microestruturação: o desdobramento, a temporalização e o reforço.

4. A análise de dados

Neste tópico, analisaremos algumas ocorrências, classificando-as de acordo com os aspectos funcionais selecionados – desdobramento, temporalização e reparação.

Como dissemos anteriormente, o objetivo do aspecto funcional desdobramento é promover uma extensão semântica a cada repetição. No exemplo abaixo, em uma autorrepetição, o informante 01 repete o termo *igreja* e o informante 02 repete o termo *tonga* várias vezes, então, a cada forma idêntica (anáfora formal) repetida, percebemos que há uma ampliação de sentido relacionada a esses termos (catáfora conceptual). Vejamos:

(01) INF: [...] além disso a *igreja* católica ela... claro ela prega muito... ela prega que você só deve fazer o bem ela tem toda essa questão eh... da parte de salvação e tal das atitudes porém ela não é uma *igreja* parada de... de que só mantém o foco nesse... nessas questões mas também ela é uma *igreja* que age ela é uma *igreja* eh... diretamente da sociedade têm pastorais que tratam das crianças [...]então assim é uma *igreja* que me faz muito... eh... me faz ser muito feliz por ser católica (C.B.S, PCVC)

(02) INF: *Tonga* era o nome de uma brincadêra que em outros lugares eh... recebiam outros nomes, mas aqui se chamava *Tonga*, que era uma brincadêra de correr para pegá o outro, né?, então chamava-se *Tonga*, em outros lugares chamava picula eh... mas aqui o nome era *Tonga*. Tinha duas espécies de *Tonga*, tinha *Tonga* de... de correr e tinha *Tonga* de esconder, pra você podê encontrar o outro que tava escondido, e no *Tonga* de corrê, uma... uma pessoa pessoa era destinada ao *Tonga*, que corria atrás das outras pessoas. Bem, aí também havia uma submodalidades, era de pegar, segurá ou então o *Tonga* tinha triscô pegô, era considerado pegô. (A.I.R.M, PCVC)

Nos trechos acima, podemos notar que em 01 o informante inicia falando sobre a pregação da igreja católica e, no decorrer do turno discursivo, ele continua elencando uma série de características sobre a igreja, atribuindo, assim, novos sentidos. O mesmo acontece com o informante 02 que inicia uma fala sobre a brincadeira chamada *Tonga* e a cada repetição desse termo, ele explica como ocorre a brincadeira e vai, a

medida que descreve a brincadeira, acrescentando detalhes ao “Tonga”.

Castilho (2014) advoga que o falante escolhe o tempo-modo que melhor atenda às suas necessidades, gerando, assim, repetições alteradoras que demonstram uma variação no tempo-modo. Segundo Oliveira (1998), essa variação caracteriza a categoria funcional *temporalização*. Analisemos os exemplos abaixo:

(03) INF: era dia de *ir* ni Hiper ou no Atacadão era o top de linha todo mundo *ia* assim nos trincks (C.B.S, PCVC)

(04) INF: não tenho lugar especial que eu *gostaria* de morar além de Vitória da Conquista não tenho, não penso em outro lugar né... *gosto* muito de algumas cidades como Belo Horizonte [...] (H.F.D.S, PCVC)

Podemos observar que, no fragmento 03, o locutor, primeiramente, utiliza o verbo *ir* no infinitivo, não expondo uma precisão temporal e, por meio de uma repetição alteradora, conjuga o mesmo verbo marcando o tempo passado – *ia*. Já no trecho 04, o falante produz repetições alteradoras de modo que a primeira ocorrência (*gostaria*), ou seja, a M (matriz) do verbo *gostar*, expressa uma possibilidade, algo do modo eventual e irreal, portanto, mais abstrato e a segunda ocorrência (*gosto*) marca um tempo, o presente, que revela algo do mundo real, isto é, mais abstrato. A hipótese levantada por Castilho (2014) de que o informante, ao realizar repetições alteradoras, tende a optar por um ritmo que parte do modo real para o modo eventual e irreal, em outras palavras, do mais concreto para o mais abstrato, caracteriza um princípio da unidirecionalidade. Contudo, no exemplo 04, notamos que essa ordem acontece de maneira contrária, isto é, do mais abstrato (*gostaria*), para o mais concreto (*gosto*), revelando, assim, uma multidirecionalidade.

Por fim, nas próximas ocorrências, percebemos a presença do aspecto funcional reparação. No exemplo 05, há a ilustração de uma das modalidades da função reparadora: a alteração do sujeito de *a gente entrou* para *eu entrei*. Já, no trecho 06, há a substituição de um sintagma verbal, *dizer* por *responder*, uma substituição de verbos, na qual há uma possível intenção de precisar a ação. Vejamos:

(05) INF: É dois anos e um pôquinho... não menos de dois anos [né não?... que] *a gente entrou em março, eu entrei em março* (F.S.L.B, PCVC)

(06) INF: *Num sei lhe dizer... num sei lhe responder*, eu acho que meus pais fizeram o que era possível [...] (A.I.R.M, PCVC)

Em suma, por meio dessa análise, percebemos como a repetição, uma estratégia da oralidade, é regida pelo princípio de iconicidade e pela

marcação expressiva, no sentido em que o informante, motivado pelas pressões de uso, vale-se de palavras, estruturas, sentidos que já existem na língua e que foram ditos anteriormente por ele mesmo, em um processo de autorrepetição. Nesse sentido, podemos notar como a repetição é a consequência da relação entre forma e função, sendo, assim, um processo que possibilita a organização da experiência humana, chegando ao âmbito textual por meio dos atos de fala e produzindo, cognitivamente, estruturas linguísticas dispostas em camadas hierárquicas.

5. *Considerações finais*

A partir deste estudo inicial acerca da repetição na oralidade, atestamos todas as nossas hipóteses, uma vez que todos os aspectos funcionais selecionados foram encontrados no *Corpus PCVC*, revelando, assim, a produtividade desse fenômeno linguístico. Desta maneira, foi possível examinar como cada um dos itens, quando repetidos, tornam-se “peças-chave” necessárias no processamento textual-discursivo e na comunicação entre os interlocutores. Ademais, constatamos que a repetição, motivada em uma dimensão discursiva (iconicidade), demonstra uma relevante expressividade, pois o falante se vale de organizar, cognitivamente, construções que revelam o modo como o falante interpreta a realidade que está a sua volta; e, sobretudo, constatamos, também, que a repetição é uma estratégia utilizada para melhorar a compreensão e a interação direta e ativa entre os interlocutores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEREDO, José Carlos de. O tempo do verbo e a lição dos velhos gramáticos. In: VALENTE, André C. (Org.). *Unidade e variação na língua portuguesa: suas representações*. São Paulo: Parábola, 2015.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. Um ponto de vista funcional sobre a predicação. *ALFA: Revista de Linguística*. São Paulo: UNESP, vol. 38, 1994, p. 75-96.

_____. *Nova Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 1. ed., 3. reimpr. 2014, p. 232-233.

CUNHA, Angélica Furtado da. Funcionalismo. In: MARTELOTTA et al. (Orgs.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 158-176

DUBOIS, Sylvie; VOTRE, Sebastião. *Análise modular e princípios subjacentes do funcionalismo linguístico: à procura da essência da linguagem*. Mimeorg, 1994.

GIVÓN, Talmy. *Functionalism and grammar*. Amsterdã: John Benjamins, 1995.

LIMA-HERNANDES, Maria Célia. A evolução da gramática e o aporte funcionalista bases teóricas. In: _____. *Indivíduo, sociedade e língua: cara, tipo assim, fala sério*. São Paulo: Universidade de São Paulo/Fapesb, 2011, p. 21-22.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Repetição. In: JUBRAN, Clélia Cândida A. Spinardi; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. (Orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil: construção do texto falado*. Campinas: Unicamp, 2006, vol. 1, p. 219-254.

_____. A repetição na língua falada como estratégia de formulação textual. In: KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. (Org.). *Gramática do português falado*. 2. ed. Campinas: Unicamp, 2002.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins: Fontes, 1997.

_____. *A gramática passada a limpo: conceitos, análises e parâmetros*. São Paulo: Parábola, 2012.

OLIVEIRA, Mariângela Rios de. Gramaticalização na repetição. In: MARTELOTA, M. E.; VOTRE, S. J.; CEZÁRIO, M. M. *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

_____. *Repetição em diálogos: análise funcional da conversão*. Niterói: Eduff, 1998.

SILVA, Jorge Augusto Alves; SOUSA, Valéria Viana. *Português culto de Vitória da Conquista*, 2013. Projeto do Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo, UESB, 2013.

SILVA, Vera Lúcia Paredes. Desfazendo um mito: a repetição na escrita e suas funções. In: RONCARATI, Claudia; ABRAÇADO, Jussara. (Org.). *Português Brasileiro II: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Niterói: Eduff, 2008, p. 334-344.

TAVARES, Maria Alice. *A gramaticalização de E, Aí, Daí e Então: es-*

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

tratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista. 2003. 307 f. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística/Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.